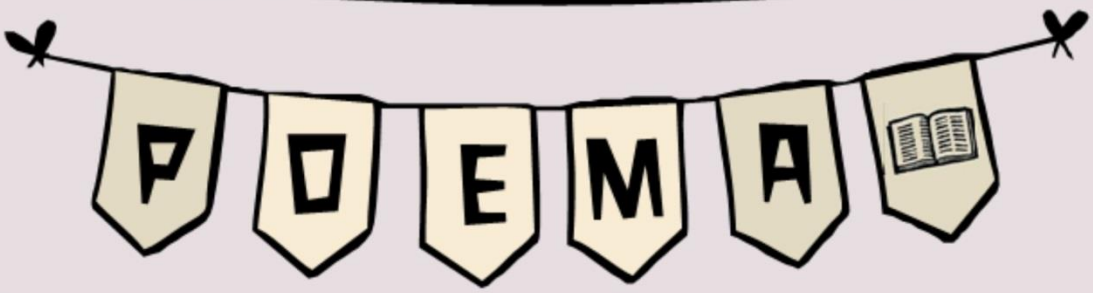
Saúde e Prevenção às Infecções Sexualmente Transmissíveis nas aulas de Ciências

Ana Paula Lima Cerqueira Marques

Apresentação

Caro professor (a) este livro foi criado pensando em você como uma proposta didática a ser utilizada em suas aulas de Ciências para trabalhar a Educação em Saúde e a Educação Sexual como pilares na construção dos conhecimentos da prevenção às infecções sexualmente transmissíveis e que os jovens são vulneráveis. Ele foi construído com uma linguagem simples e com um conteúdo elaborado para que, de posse das informações nele contidas, você possa levar até os seus alunos conhecimentos que podem ajudar na prevenção às infecções sexualmente transmissíveis. Fiz um breve caminho pelo mundo adolescente para ajudá-lo a conhecer um pouco mais deste complexo universo, apresentei de forma sucinta as IST que mais acometem os jovens, as leis que embasam a importância da saúde a ser ofertada aos adolescentes, a escola como espaço de construção do conhecimento foi um tema bem expressivo. Também fiz a exposição de temas relevantes que podem ser trabalhados em sala como a vulnerabilidade adolescente e os temas preconceito e estigma. Por fim, apresentei algumas propostas pedagógicas de ensino que podem ser empregadas nas aulas de Ciências como uma forma significativa e dinâmica para o processo de ensino e aprendizagem sobre a prevenção. Espero que os pontos abordados neste livro possam ajudar no empoderamento dos seus alunos frente aos assuntos aqui expostos. Acredito que a informação é um caminho certo de embate às infecções, tendo você como o mediador desta construção. Sinta-se à vontade para fazer uso deste livro da forma que achar melhor e em conformidade com a sua realidade de sala de aula. E encerro aqui parafraseando Galeano "Podemos tentar fazer diferente, embora não possamos adivinhar o tempo suficiente para efetuar mudanças, temos sim, o direito de imaginar que podemos fazer algo para mudar o cenário".

Ana Paula Lima Cerqueira Marques



Hoje o mundo está mudado porque o povo tem o poder
E está rompendo tabus ao adquirir o saber
E eu peço licença aqui pra falar em IST.
IST são Infecções Sexualmente Transmissíveis
Que podem afetar pessoas de todos os sexos possíveis
São Infecções que passam de uma a outra pessoa
Na relação sexual de quem sempre ama à toa
Achando que todo mundo é saudável e gente boa.
Só que algumas IST podem até ser transmitidas
Por sangue contaminado. e fazendo investida
Na gravidez ou no parto comprometendo a vida
E pra você prevenir qualquer uma IST
Use sempre camisinha e pra infecção combater
Procurar um tratamento é o melhor a se fazer
Para superar os problemas é preciso informação
Pra curar IST remédio e prevenção.
Coisas que a gente conquista
Através da educação.

Francisco Diniz Santa Rita-Paraí

Sumário

1. *Introdução*

2. *Fundamentação Teórica*

3. *Escola como espaço de aprendizagem sobre a saúde e a prevenção.*

4. *As IST*

5. *Leis e Regimentos que amparam o trabalho da saúde*
ao adolescente

6. *Conhecendo os Sintomas Característicos das IST*

7. *As metodologias de ensino como possibilidades educativas na prevenção às infecções sexualmente transmissíveis em sala de aula*

8. *Link para mais informações sobre a IST e sugestões de leituras*

9. *Bate Papo Final*

Referências

1- Introdução

A adolescência representa um período extremamente especial para os jovens. Ela traz dúvidas, inquietações, desejo de se fazer ser notado, de e quere ser agradado e agradar o outro. Nesta fase o corpo juvenil está em pleno amadurecimento, diria até que está “florescendo“ mediante os hormônios e com isso os adolescentes passam a valorizá-lo e a vê-lo sobre outros aspectos, inclusive que o seu corpo pode atrair o outro.

É comum ouvir que o jovem tudo questiona, e tudo problematiza. Sabe por quê? Porque a adolescência traz com ela a puberdade e de presente alguns conflitos característicos desta fase: os jovens não se reconhecem mais como crianças, tampouco como adultos e, ao mesmo tempo, têm medo das responsabilidades que o corpo adulto traz para eles.

Os jovens relatam que não são compreendidos e os pais dizem que eles não se deixam ser compreendidos. Fase complexa para alguém que de repente se vê diante de tantas transformações. Ai recaímos naquela velha frase: os adolescentes e seus conflitos!!! Mediante tudo que relatamos sobre os jovens, há nesta fase algo bem característico e que já motivou vários estudos: a busca da identidade através do outro e que faz com que eles iniciem a vida sexual.

É para este momento, meu caro professor (a), que nossos olhares devem se voltar, já que começam as primeiras relações sexuais e na maioria das vezes desprotegidas de métodos de prevenção. Estas relações, segundo alguns autores, representam uma espécie “de rito de passagem” para a fase adulta. [2]

Se as relações fossem feitas com a proteção da camisinha, tudo bem. Mas não, nem sempre são!!!. Por este motivo a preocupação de setores como a educação e a saúde cresce, pois a desproteção faz dos jovem alvo das infecções sexualmente transmissíveis.

Sabe por que esta situação é preocupante, professor (a)?

Porque as estatísticas das agencias especializadas na saúde indicam que houve um aumento de jovens que não da prevenção em suas relações sexuais. E isso traz consequências à saúde dos jovens sobre vários aspectos: tanto de caráter físico, como as doenças características de cada uma das infecções como, por exemplo, o câncer uterino nas jovens causado pelo HPV.A não prevenção também está relacionada ao aumento de jovens grávidas com isso, o nascimento de bebês de baixo peso, hemorragias durante o parto, já que o corpo da jovem nem sempre está fisicamente preparado para esta gestação.

Situações como estas, ainda geram desordens emocionais nas jovens mediante o seu afastamento da escola, do convívio social dos amigos e esta convivência é fundamental para os jovens. Aliado a estes problemas, as infecções causadas pelas IST representam uma chance aumentada de contaminação pelo HIV. E neste sentido a preocupação é maior mediante todos os enfrentamentos que sofrem as pessoas portadoras desta infecção. Não me refiro aos enfrentamentos da saúde e por isso físicos , porque neste sentido, a medicina já evoluiu muito com a terapia antirretroviral que permite que a pessoa portadora do HIV possa levar uma vida normal, em termos da saúde. Mas me refiro aos enfrentamentos sociais. Já que ainda que 30 décadas tenham se passado até hoje estes enfrentamentos são passiveis de acontecerem.

E não são fáceis. Precisam de amparo de todos e em todos os sentidos: família, parentes, amigos... E vamos combinar que mediante tudo que já vimos sobre a adolescência e seus questionamentos e inquietações, o adoecimento perante uma infecção sexualmente transmissível no jovem é uma sobrecarga pesada demais. Não concorda, professor (a)? Portanto, trazer à tona a discussão sobre infecções sexualmente transmissíveis e sua relação com a adolescência é reconhecer que a promoção da saúde é essencial para o bem estar destes jovens e isso será possível através de uma assistência integrada entre a educação e a saúde como dois pilares que podem ajudar na promoção da saúde dos jovens.

Neste sentido é importante as discussões pautadas nas diretrizes dos parâmetros curriculares nacionais que trazem em sua essência a reflexão sobre os problemas sociais e da saúde relacionados à prevenção das IST .Não conseguimos enxergar outro caminho para a promoção da saúde do jovem que não seja através da educação e da forma como ela pode ser empregada para atender a essa necessidade que é real, diria até que urgente, mediante os dados apresentados pelas agencias de saúde e órgão governamentais.

Entre estas formas de educação, a Educação Sexual representa uma possível ferramenta a ser utilizada na prevenção às IST e para isso, é importante que faça parte do currículo escolar e que os professores tenham ciência da importância deste debate em sala de aula. E o que é mais importante, ter a figura do professor (a) transformador (a) um ser engajado neste processo e envolvido em levar de formas diversificadas ao seu aluno na direção à prevenção, direção esta que pode acontecer desde um simples dialogo em sala de aula ao tirar as dúvidas do aluno, até a realização de reuniões com os outros professores ,com os coordenadores, os pais e incluir o tema Educação Sexual no Plano Pedagógico da Unidade de Ensino. Desta forma o embate às IST acontecerá. Será real.

Os adolescentes têm interesse por assuntos relacionados às IST, isto é um fato, inclusive já evidenciado por estudos. Eles buscam as informações, porém quando não as têm de forma apropriada na família ou mesmo no ambiente escolar, recorrem aos seus grupos de amigos ou mesmo na mídia. Por isso é importante o olhar sobre o aluno e seus movimentos no sentido de quere aprender sobre este assunto. Às vezes o aluno não verbaliza esta vontade. Esta vontade aparece através de expressões corporais e olhares tímidos.

Complicado de ver isso? Diria que não. Porque a nossa convivência diária com os alunos, nos faz conhecer um pouco deles. E ações de como direcionar os alunos sobre a prevenção, será possível de concretizar em sala de aula , quando as aulas tradicionais de Ciências derem lugar às aulas mais estimuladoras nos jovens, não somente aquelas aulas expositivas, e desconexas da realidade deles, mas sim que promovam a construção de conhecimentos relacionados às reais necessidades dos jovens, e entre estas necessidades, a de viver a plenitude de sua adolescência com conhecimentos sobre si, sobre o outro, com tolerância para com o outro, o respeito, e o conhecimento de que alguns comportamentos podem colocar os jovens em risco [10.]

O conhecimento sobre a prevenção às IST, portanto, representa para o jovem a possibilidade de diminuir a sua vulnerabilidade frente às IST. E diminuir a vulnerabilidade dos jovens é permitir para eles o acesso às informações atualizadas de prevenção. Para que eles transformem estas informações em práticas, já que é real a iniciação sexual dos jovens cada vez mais cedo e, portanto, a necessidade de que se dê ênfase às ações de prevenção com vista a levar informações para aumentar o potencial de vulnerabilidade destes jovens frente às IST.

A liberdade sexual dos jovens, tão ansiada por eles, é importante ser vivida, como também é o conhecimento sobre as consequências do despreparo para vivê-la e que pode representar consequências graves se não for bem orientada. Não é nossa intenção pensar em trabalhar uma Educação Sexual em sala, com o objetivo de desenvolver seres normatizados, ou seja, com comportamentos que precisam para se tornarem seres considerados corretos ou normais.

Longe de tal pensamento! Até porque não é este o principio da Educação Sexual atual. Ela traz em sua essência que os jovens podem e devem viver sem angústias e medos sua vida sexual, mas que também possam conhecer os cuidados necessários para a sua proteção contra as infecções e que elas podem causar agravos físicos e mesmo emocionais em sua vida. Assim a Educação Sexual deve ser realizada nas escolas como uma possibilidade de formação integral dos/as alunos/as, como sujeitos ativos/as, competentes e motivados/as para viverem de forma livre suas relações pessoais e com possibilidade de desenvolver nos alunos as diversidades de valores relacionados aos seus comportamentos[17].

Nesta mesma linha está a importância do trabalho da Educação em Saúde na escola como outro possível caminho a ser trilhado para que a prevenção às IST efetive. Pensar em educação em saúde é pensar na realização de parcerias com intuições que promovam acréscimos de conhecimentos e ações de enfrentamentos às IST.E uma destas ações é possível mediante a realização das estratégias educativas na escola realizadas através da interação entre educador e educando, propiciando a construção do conhecimento no aluno através de uma aprendizagem compartilhada, em que há a participação de todos os envolvidos no processo de aprendizagem: educador e educando que ao interagirem no processo de construção do conhecimento, permitira ao aluno torna-se um ser reflexivo, crítico e conhecedor de sua realidade enquanto ser vulnerável frente às IST.[11]

2- Fundamentação teórica

2.1 A escola deve ser o local ideal para construção do conhecimento sobre as IST?

Sim, já me antecipo aqui e vou respondendo que ela é o local propício para a realização deste debate da prevenção às IST nos adolescentes É na escola onde se legitima o ensino e é o local responsável por levar e fundamentar as perspectivas de tratar assuntos de extrema relevância para os alunos.

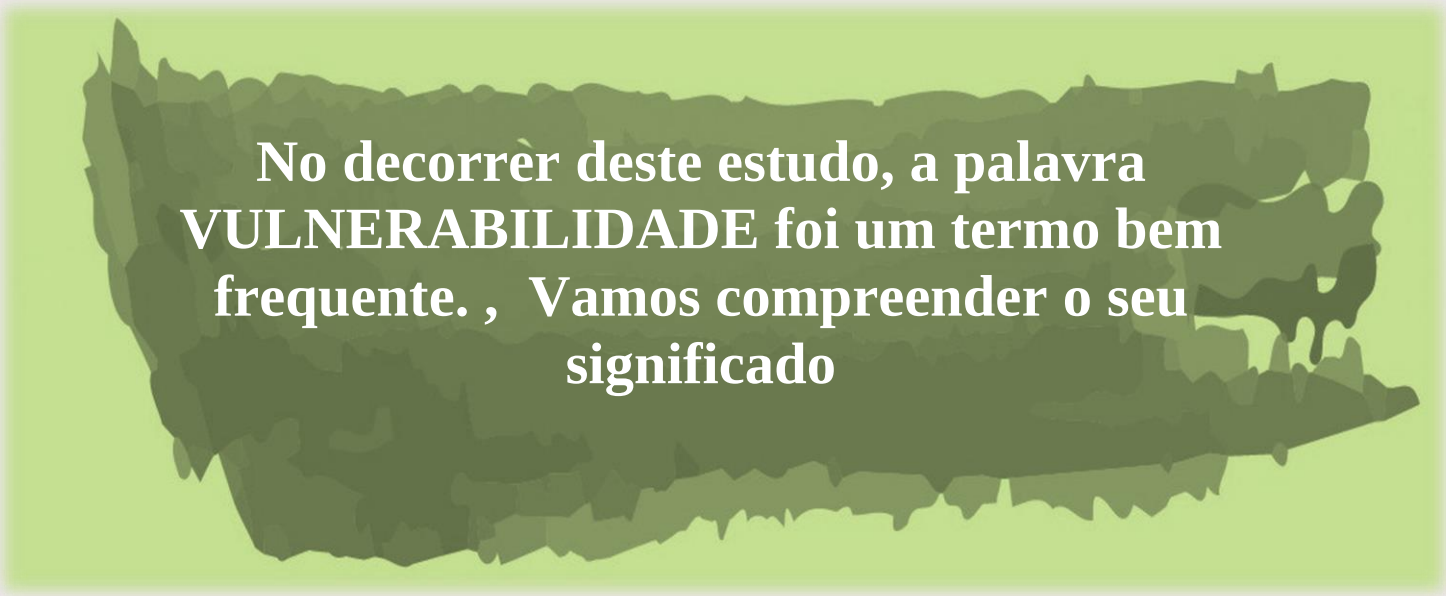
O domínio do saber é necessário quando se pensa em algo inovador, e o conhecimento necessita ser instaurado e a escola é responsável por ofertar possibilidades de conhecimentos conceituais e sistematizados e a partir dele serão construídas habilidades para que se conduzam o processo do ensinar e do aprender sobre as possibilidades de prevenção como possibilidade de prover a saúde dos educandos. [12]

Falar na saúde dos jovens é pensar que através do conhecimento será permitido a eles, tornarem-se capazes de se conhecer e cuidar do seu corpo, valorizando-o e adotando hábitos como um dos aspectos básico de qualidade de vida agindo com conhecimento e responsabilidade em relação as suas ações relacionadas a sua forma de viver a vida e de cuidar de si.[12]

Compreendeu por que a escola deve ser responsável pela construção do conhecimento sobre as IST?

O conhecimento adquirido nas escolas por parte dos jovens adolescentes representa a possibilidade de sensibilizá-los a fim de que eles possam perceber a importância que a prevenção pode representar em suas vidas e a partir dela, caro professor, é possível que percebam mudanças em seus alunos. E entre estes conhecimentos, podemos citar o da prevenção às Infecções sexualmente transmissíveis.

Sob esta ótica a escola surge como importante aliada na concretização de ações de promoção da saúde voltadas para o fortalecimento das capacidades dos adolescentes e para a tomada de decisões favoráveis à sua saúde. [14.]E falando em saúde, é importante que não esqueçamos que ela é um direito assegurado a todos, por lei, assim como a saúde reprodutiva também já , reconhecida por lei e que assegura a todos o direito a uma vida sexual e satisfatória. Mas para isso é necessário o acesso às informações e como realizar o sexo seguro, para assim se prevenir das IST.[15]



Vulnerabilidade etimologicamente significa: qualidade ou estado do que é ou quem se encontra vulnerável.

E quando os jovens são vulneráveis? Quando seu modo de vida pode promover a sua exposição às IST, à AIDS e às drogas. 16

A vulnerabilidade foi um termo criado nos anos 90, mediante a necessidade de se explicar por que determinadas pessoas eram mais suscetíveis a determinadas doenças.

Os adolescentes são considerados vulneráveis individuais e sociais. São individualmente vulneráveis pela forma como vivem a sua vida e que pode contribuir ou não para uma que eles possam que eles caminhem em direção a possíveis envolvimentos com as drogas, ou ainda, a adoecerem através das infecções sexualmente transmissíveis.

São socialmente vulneráveis mediante a qualidade de informações que eles têm acesso e os valores e interesses efetivos de colocar estes conhecimentos em prática. Bem aqui incide a importância real da escola em levar até os jovens os possíveis caminhos e conhecimentos que eles podem trilhar em busca do conhecimento da prevenção.

Nossos jovens são vulneráveis individuais às IST? Sim. Quer um exemplo? Nos últimos quatro anos houve um aumento considerável do número de jovens acometidos pela sífilis, e o seu aumento se dá pela falta de tratamento adequado, ou ainda quando somente um dos parceiros contaminados é tratado. Quanto ao HPV (Papiloma Vírus Humano) estudos sobre ele revelam que das 86 pessoas que fizeram o teste para o seu diagnóstico, 54,9 eram portadores do vírus e ainda 38,4% representavam alta possibilidade de desenvolver câncer. Quanto à AIDS, dobrou o numero de jovens contaminados por este vírus na faixa de 15 a 19 anos, passando de 2,8 casos por 100 mil habitantes para 5,8 na última década. E ainda tem um dado que diz que a cada ano aumenta o numero de jovens sexualmente ativos aumenta a cada ano. 17

Conforme os dados acima revelados, a incidência de jovens com IST é grande. Portanto eles são vulneráveis a estas infecções. Desta forma, o debate sobre a prevenção às IST nas escolas é importante ser realizado. Diria até que a escola é “conclamada” para esta função parafraseando Altmann.E um caminho que possa minimizar este agravante numero pode ser possível através da Educação Sexual e Educação em Saúde como pilares norteadores da construção do conhecimento sobre a prevenção e que podem ser realizadas em suas escolas, tendo você o mediador dele.

Caso não se sinta capacitado para tal ação, busque formas de se atualizar para levar o conhecimento para os seus alunos. Até porque, sabemos que niguem facilita o desenvolvimento no outro daquilo que não teve oportunidade de aprimorar em si mesmo, não é uma verdade? Assim como ninguém promove a aprendizagem daquilo que não domina, e nem a constituição de significados que não compreende se não tiver para isso embasamentos, que às vezes a sua formação não o capacitou para esta ação. 18

Mas uma coisa é certa, as possíveis análises da realidade escolares respaldadas no propósito da promoção da saúde dos educandos revelam ser imprescindível que reconheçamos que com a iniciação sexual cada vez mais cedo dos jovens há a necessidade de ações de prevenção com vistas a levar informações para a população adolescente e assim permitir a eles o enfrentamento da sua vulnerabilidade frente à infecção pelo HIV e outras IST.

3 - Escola como espaço de discussão sobre a saúde e a prevenção

Portanto professor, discutir a saúde dos alunos é pensar em estratégias de promoção da saúde no ambiente escolar e que propiciem espaços integrados da educação e da saúde permitindo a flexibilização dos currículos escolares para que eles tenham um foco integral no sentido de promover a melhoria da qualidade de vida dos seus educandos, baseada em discussões que fortaleçam a capacidade individual e social destes alunos ao enfrentamento destas infecções. [17]

A escola enquanto espaço formal é responsável por promover ações que promovam os processos de ensino/aprendizagem, especificamente na perspectiva do conhecimento sobre as IST e que deve ser levado aos alunos como uma política de prevenção a estas infecções. [18]

E você professor(a), como pode efetivar esta ação em suas aulas?

Resignificando o seu olhar, e reconhecendo que é importante como formador do conhecimento da prevenção e para isso os seus ensinamentos devem acontecer associando à ideia da realidade vivida por seus alunos.

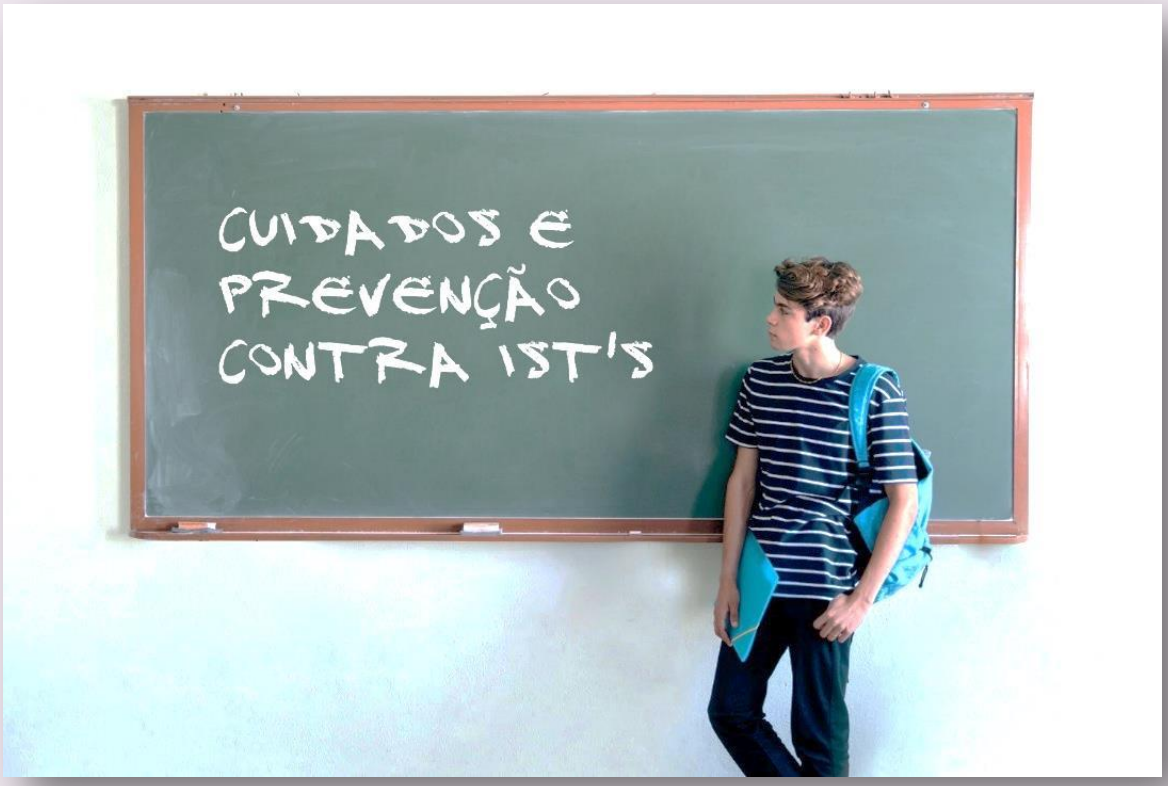
È na escola, onde é possível ser trabalhada as relações interpessoais, pedagógicas e institucionais. Este é o novo olhar da educação: a escola com a função de promover uma educação democrática, popular, inclusiva pluralmente e com o compro misso de valorização da vida, da formação integral e do exercício da cidadania do seu aluno. [16]

Quando digo democrática me refiro inclusive nela como uma intuição possível de realizar um diálogo em sala sobre temas relacionados a sexo, masturbação, camisinha e prevenção às infeções sexualmente.

A realidade que vivenciamos em nosso dia a dia, em sala de aula, nos propicia sabermos que os alunos não têm em suas casas com seus pais o diálogo sobre relações sexuais ou mesmo uso de camisinha. E se existem, são poucos. Esta falta de diálogo por parte dos pais têm fatores diversos, tais como: despreparo ou desconhecimento do tema, religiosidade, falta de tempo, preocupação em debater o assunto e a partir dele os filhos se sentirem a vontade para realizar suas relações. Um tanto quanto controverso este pensamento, porque é exatamente o contrário, a informação conduz a caminhos mais seguros.

Seria um sonho pensarmos que podemos mudar este quadro e trazer para a sala a conversa e a discussão destes temas? Não. A utopia pode ser quebrada quando temos a consciência da importância do debate em sala de aula de forma significativa, onde o aluno/adolescente possa reconhecer em seus professores um possível apoio para esclarecer suas dúvidas, suas curiosidades, suas fantasias e mesmo inquietações sobre o sexo, camisinha. Mas para que esta ação alcance um resultando satisfatório esta conversa tem que ser feita sem ar de punição e sem a castração da vontade do jovem. E este educar sexualmente que se faz necessário e importante também ao ser pensado neste trabalho em sala de aula [19]

Trazer à tona a discussão de cuidados e as formas de prevenção contra as IST certamente é reconhecer que a promoção da saúde é essencial para o bem-estar do adolescente e do aluno. Esta importância não é recente, e foi reconhecida há mais de 30 anos na Declaração de Alma-Ata, que assinalou a importância de trabalhar a Saúde para todos, contribuindo para melhor qualidade de vida de vida das pessoas. [20]



Fazendo uma analogia com a situação juvenil frente ao seu adoecimento às IST, ações de promoção da saúde pedem uma emergência, já que os casos de incidência de IST e mais especificamente da AIDS entre os jovens nos faz levantar a importância de se tratar a Educação para Saúde e isso faz sentido quando a educação e a saúde se entrelaçam como pilares para fundamentar a importância para a sobrevivência humana, e com qualidade de vida.

A saúde e o cuidado sobre ela representam um dos grandes desafios da sociedade e isso será possível quando for também inovado o campo da prevenção e cuidados à saúde, a partir da investigação sobre o impacto da pobreza, do racismo, do estigma e da discriminação, dos efeitos da desigualdade ou no acesso a serviços de saúde e educação. [21]

E ainda que estejamos em pleno século XXI: muito já se caminhou e muito ainda há de se caminhar neste sentido.

E fácil promover este debate em sala? Sabemos que não, mas certamente um dos caminhos a ser percorrido, meu caro professor (a), é dar início a ele. E não somente nos anos finais do ensino como também nos iniciais, do Ensino Fundamental, utilizando uma linguagem e conteúdos compatíveis com cada ano e série do aluno. Até porque o conhecimento tem que chegar até ao aluno

Sabemos que é possível que encontre neste percurso dificuldades para trabalhar didaticamente com a temática Educação Sexual na prevenção. Vamos citar algumas destas dificuldades:

- reação dos pais dos alunos que por vezes não concordam com este debate em sala porque ainda têm o pensamento de que a conversa sobre sexo não pode acontecer;

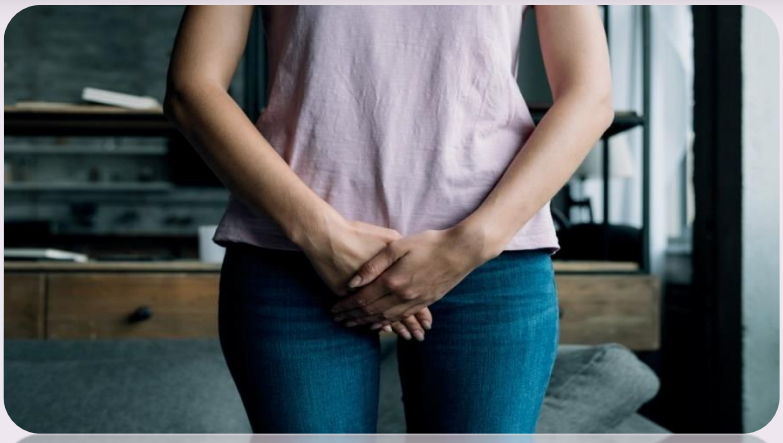
- alguns professores vãos acham que estão saindo daquele padrão de aula considerado “normal'” já que têm a cumprir um plano pré-estabelecido de carga horária. É possível que você ouça “Mas para que mesmo trabalhar este tema em sala?”.

- Interferência da religião ou mesmo de crenças pessoais de alguns professores e por conta disso criam bloqueios para o debate em sala;

- Despreparo ou não formação adequada que subsidie as ações e informações sobre prevenção e IST.

Foi possível se reconhecer em alguma destas situações? Sabemos que sim, mas também, temos que destacar que somos capazes de ultrapassar estas barreiras ou limites se pensarmos que não podemos mais fazer de conta que não é necessário este diálogo em sala.

4- AS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS



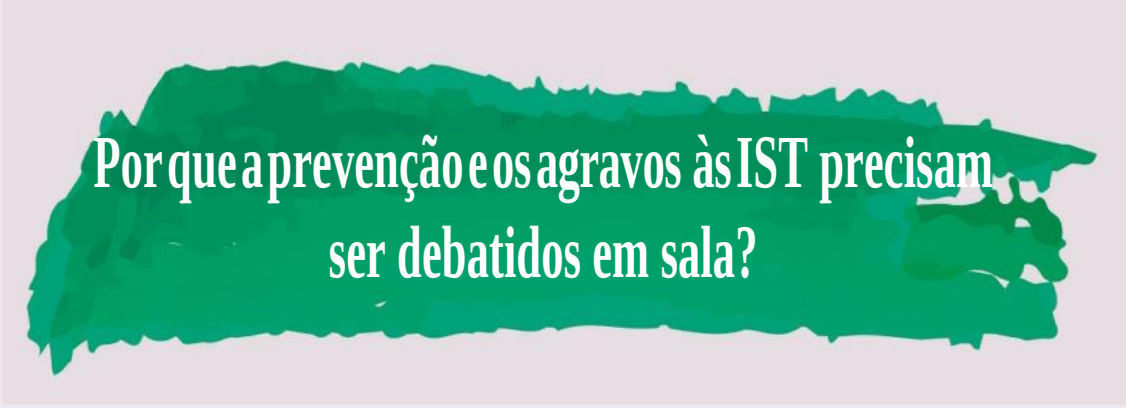
O que são? Vamos conhecer um pouco sobre estas infecções

São infecções causadas por bactérias e vírus e que são adquiridas através do ato sexual desprotegido, ou seja, sem a utilização de métodos de prevenção e com pessoas que tenham a infecção. São de fácil tratamento e de rápida resolução, quando diagnosticadas em sua fase inicial. Outras, contudo, geralmente as que têm como agente causador os vírus, o tratamento é mais difícil ou podem persistir ativas, apesar da sensação de melhora. Algumas IST podem ser transmitidas da mãe para o filho e durante a gravidez ou mesmo durante o parto, e ainda podem ser transmitidas por transfusão de sangue contaminado ou ainda por compartilhamento de seringas pelo uso de drogas injetáveis. [22]

Podem atingir o aparelho genital masculino ou mesmo o aparelho reprodutor feminino, e com isso levar ao aborto ou ainda afetar regiões diversas do corpo, tais como olhos, boca, sistema nervoso, o reto ou ainda o aparelho urinário. Existem cerca de 20 agentes infecciosos que podem causar as IST, sendo os mais comuns e mais conhecidos: a sífilis, gonorreia, o cancro mole e as infecções por clamídia.

Você deve ter percebido que não falamos de Doenças Sexualmente Transmissíveis e sim em infecções sexualmente transmissíveis. Sabe por quê? Porque a nomenclatura foi alterada. Achamos importante que você saiba que a nomenclatura Infecções Sexualmente Transmissíveis IST veio substituir a de Doenças Sexualmente Transmissíveis-DST. Ela já é atualmente utilizada pela Organização Mundial de Saúde, por meio do Decreto nº 8.901/2016, já que segundo o Ministério da Saúde o termo “doença” implica em sintomas e sinais visíveis no organismo do indivíduo. Já “Infecções” podem aparecer em períodos sintomáticos ou assintomáticos (sífilis, herpes genital, por exemplo)

ou ainda apresentarem-se assintomáticas durante toda a vida do indivíduo. É como se este novo termo abrangesse a maioria das infecções, até aquelas que não têm sintomas aparentes e que somente são diagnosticadas traves de exames mais específicos. Vamos combinar que esta nova nomenclatura tem também outro lado, parece que minimiza o efeito devastador do nome “doença” que recai sobre os portadores das IST, não é?



Pelos altos índices de jovens com IST na atualidade. Este quadro já mobiliza os olhares das do meio educacional como uma situação que necessita de ações. Você sabia que a cada ano surgem mais e mais casos de jovens acometidos pelas IST? Pois é, vale ressaltar que dados de agências de saúde já indicam a existência de 340 milhões de casos novos de IST em jovens contaminados pela Tricomoníases, pelo Papilomavírus Humano (HPV) e ainda pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), e além de todos os agravos que elas representam para os jovens, ainda são responsáveis por aumentar a chance de contaminação pelo HIV. Esta constatada que o perfil epidemiológico da AIDS tem hoje uma maior prevalência entre jovens e isto pode ser demonstrado pela notificação dos casos nas faixas etárias entre 15 e 2 4 anos [16].

Já falamos sobre os agravos à saúde das IST nos jovens. Mas vale ressaltar novamente o agravo de ordem emocional, que considero de extrema importância mediante o que ele pode desencadear, caso um jovem venha adoecer por uma infecção sexualmente transmissível mediante a não prevenção. Assim , destaco eles e ao mesmo tempo faço os seguintes questionamentos, qual o amparo emocional que o (a) jovem tem ao ser diagnosticado com uma IST/ HIV ? Suas famílias estão também preparadas para este diagnóstico e tudo o que há por vir: idas aos médicos, tratamento? E caso ele tenha que se afastar da escola, o que é previsível de acontecer, como eles reagem a este afastamento do convívio dos amigos e da escola que são tão importantes em sua vida, até para a sua construção social e emocional?

Eles recebem um amparo para este momento mediante a relevância de estar com outros jovens. E não digo isto por dizer, estudos comprovam que os jovens necessitam estar com os amigos já que eles se fortalecem e se constroem nesta relação que se estabelece com o outro.
Portanto mais uma vez demostramos o quanto é importante falar debater e a prevenção em sala de aula para que o aluno, torne-se critico e empoderado

frente às IST.E ainda tem uma outra situação de enfrentamento quando o quesito é prevenção que ainda temos que contornar ao trabalhar em sala de aula. Os motivos que levam que os jovens a não se protegem em suas relações sexuais:[25]

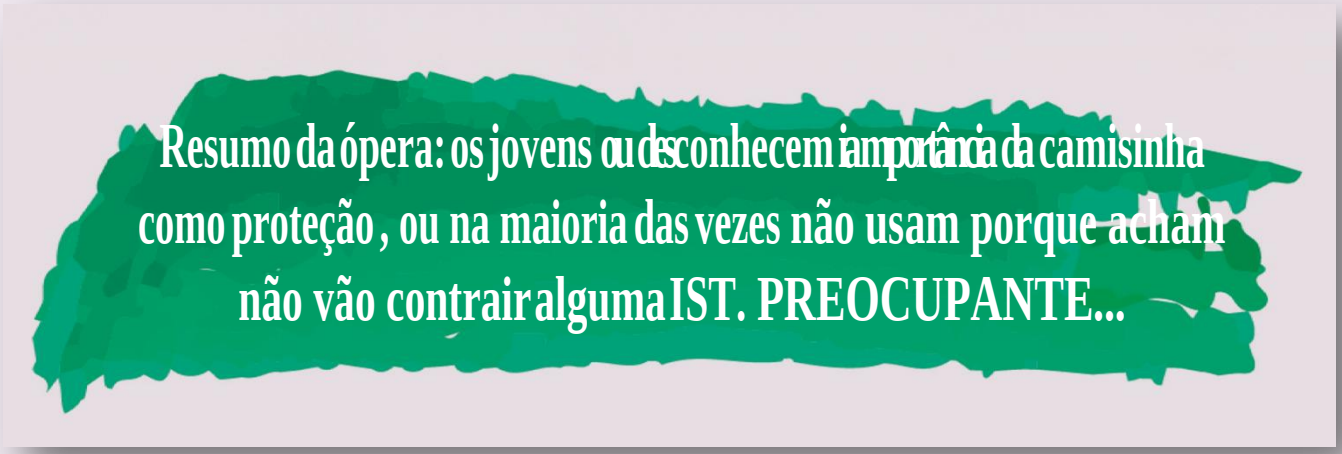
- Esquecimento de levar ou de andar com elas; ou mesmo desconhecimento da importância desta proteção;

- Medo de que o parceiro (a) não queira usar a camisinha na hora da relação e com isso causar alguma discussão envolta da desconfiança do outro sobre a saúde;

- O pensamento de que a camisinha pode diminuir a sensibilidade do contato e com ela o prazer não vai ser completo.

- Há ainda o relato de uma postura bem característica da fase juvenil: que evidencia a oscilação entre a razão– que dez ser importante fazer o uso da camisinha, mas por outro lado tem a emoção – que é relatada pela palavra “vacilo” aliada ao fato de não ter usado ela.

- Assim existe a razão e a emoção possibilitadas pelo sexo, ou ainda pelo álcool (e outras drogas) e que impedem a racionalidade e a previsibilidade das práticas de proteção.



Vamos conhecer algumas das IST que mais acometem os jovens. Mas, oriento também acessar o portal portalms.saude.gov.br para se aprofundar mais neste conhecimento .Até porque não necessariamente ´é a nossa intenção compreender a questão da doença em seu aspecto puramente biológico, mas do que estas infecções podem vir a causar para os jovens. Já que bem que um corpo biológico o jovem é “o recipiente do senso de eu do indivíduo, nele estão seus sentimentos e aspirações mais pessoais, bem como a entidade à qual os outros respondem de uma maneira especial devido às suas qualidades humanas [38]

A) SÍFILIS

É causada por uma bactéria pode provocar artrite, cegueira e até levar a morte. O período de incubação desta IST é de cerca de 3 semanas e quando acontece o que se chama de sífilis primária, cancro duro ou sifilítico, se caracteriza pelo aparecimento de uma ferida no pênis, com bordas altas e indolor nos homens. Na mulher se manifesta no colo do útero, na vulva ou no períneo. Por volta de cerca de 6 a 8 semanas após o aparecimento do cancro surge à sífilis que recebe o nome de secundária, com manifestações de rubor.

Quando não tratada de forma correta, surge à sífilis tardia, cerca de 2 anos depois e com manifestações na pele, nos ossos, nos olhos e também no coração.

B) GONORREIA

A gonorreia é causada por uma bactéria, o gonococo. Nos homens, os sintomas são dor ao urinar e corrimento na cor amarelada e que se manifestam dias após o contágio. Nas mulheres não aparecem sintomas no estagio inicial da infecção.

No mais avançado, elas podem vir a sentir dores no abdômen, pela infecção do trato genital interno. Se a gonorreia não for tratada, a mulher poderá ficar estéril29. A doença é de tratamento relativamente simples, desde que o médico seja procurado imediatamente após a constatação dos sintomas.

C) HERPES GENITAL

Causada pelo Herpes vírus hominis e cuja frequência tem aumentado bastante. Caracteriza-se pelo aparecimento de vesículas e úlceras herpéticas. Ainda que a ferida esteja cicatrizada, a pessoa ainda continua transmitindo esta infecção e permanece portadora do vírus.

D) TRICOMONÍASE

E uma infecção causada pelo Trichonomas vaginalis. Os jovens quando aco- metidos por esta infecção apresentam uma coceira intensa em suas genitálias. Nas mulheres esta infecção provoca uma secreção vaginal amarelada, esverdeada e com a presença de mau odor, ao urinar é possível apresentem ardor. Nesta Infecção é importante que o tratamento para que responda de forma eficaz e ambos os parceiros sejam tratados.

E) HEPATITE B

É uma infecção virótica adquirida pelo contato sexual. Tem como manifestação clínica o aparecimento de febre e um mal-estar que pode durar vários dias. Quando esta infecção não é tratada, pode ocasionar lesões no fígado e que podem acabar sendo fatais.

F) HPV (Papiloma Vírus Humano)

É uma doença sexualmente transmissível cujo vírus infecta tanto a pele como mucosas (oral, genital ou anal) de homens e mulheres, provocando verrugas anogenitais (região genital e no ânus). Dependendo do tipo do vírus HPV a infecção pode ocasionar câncer de colo uterino. A infecção pelo HPV não apresenta sintomas na maioria das pessoas e a doença pode ficar latente de meses a anos, sem manifestar sinais (visíveis a olho nu), ou apresentar manifestações subclínicas (não visíveis a olho nu). A pessoa infectada apresenta baixa imunidade e pode desencadear a multiplicação do HPV e assim aparecem as lesões. As infecções em principalmente em mulheres têm resolução espontânea, pelo próprio organismo, em um período aproximado de até 24 meses.

As principais manifestações clínicas são: verrugas na região genital conhecidas como crista de galo e que podem se apresentar como únicas ou ainda múltiplas, com tamanhos variados. Em geral, estas verrugas são assintomáticas, podendo ocasionar coceira no local. O HPV que se manifesta clinicamente por verrugas são os tipos que não são responsáveis por ocasionar câncer.

É importante você saber, professor,, e assim poder repassar para o seu aluno(a)que já existe a vacina contra o HPV e ela esta disponível nos postos de saúde e é indicada para meninas de 9 a 14 anos e meninos de 11 a 14 anos. Lembre ao seu aluno (a) sobre a importância desta vacina. Indique e oriente a sua ida aos postos de saúde mais perto de sua localidade.

G) AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida)

A AIDS foi inicialmente diagnosticada nos Estados Unidos nos anos 80 através de estudos realizados pelos pesquisadores Montaigne e Flaubert Gallo. Estes deram a ao vírus nomenclatura de HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana) No Brasil o relato dos primeiros casos também aconteceu por volta dos anos oitenta, mais precisamente após o período da ditadura e no Brasil a pesquisadora responsável pela descoberta dos primeiros casos foi a medica Valéria Petri. A AIDS é causada pelo vírus HIV, este vírus destrói o sistema de defesa do organismo, os glóbulos brancos que são responsáveis pela produção da defesa do organismo contra infecções. Portanto o HIV oportuniza o aparecimento de outras no organismo.

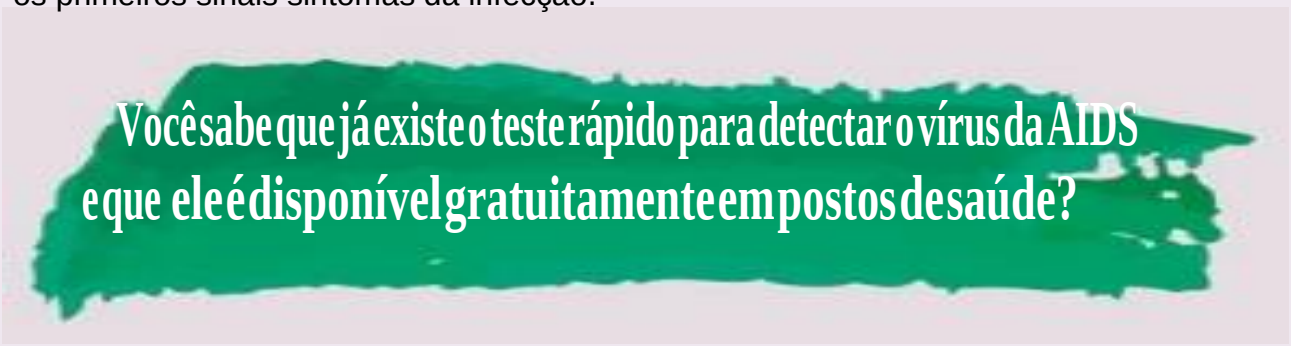
O vírus HIV pode ser adquirido pelas relações sexuais desprotegidas, agulhas contaminadas e compartilhadas e ainda através do parto ou ainda pela amamentação por mães que estejam com o HIV. Ainda que esta infecção, hoje não apresente cura, o seu tratamento quando feito de forma cor- reta possibilita a redução da carga viral do HIV, e assim melhora a sobrevida do paciente. [28]

Você sabia que o vírus da AIDS “ataca” Sistema de defesa correo? É por este motivo que o portador desta infeção, quando não tratado adequadamente morre por outras doenças ou mesmo outras infecções chamadas de oportunistas. Pois é. Estas células que recebem o nome de são LEUCÓCITOS e são produzidas na medula óssea e responsáveis pela defesa do nosso organismo contra possíveis invasores na forma de vírus ou mesmo bactérias. O que o vírus do HIV faz é destruir estas células e com isso o corpo fica desprovido de proteção. Portanto aberto às infecções oportunistas, ou seja, gripe e mesmo resfriados podem ocasionar sérios problemas aos portadores do HIV, inclusive a morte. Quando não medicados, vale lembrar!

É importante saber que ter o HIV não é a mesma coisa que ter AIDS. Vamos compreenderisso!

Pessoas soropositivas são aquelas que vivem sem apresentar sintomas e sem desenvolver a doença, mas podem transmitir o vírus a outras pessoas pelas relações sexuais desprotegidas. Por isso. é sempre importante fazer o uso da camisinha, já que os soro positivos , ainda que não apresente os sintomas da doença, podem transmitir o vírus para seus parceiros (as)

O tempo de latência (tempo para os primeiros sintomas aparecerem no organismo por conta do vírus gira em torno de 10 anos). Ou seja. é o tempo que o vírus começa a destruir boa parte do sistema de defesa do organismo quando as defesas já foram totalmente destruídas é que começam a aparecer os primeiros sinais sintomas da infecção.



Notícia boa não é mesmo? E esta conquista representou um grande passo trilhado aos portadores do HIV. Muitos anos já se passaram desde a descoberta dos primeiros casos de AIDS e ainda que esta doença ainda não tenha cura, é importante saber que individuo pode levar uma vida norma. Isto é possível mediante a terapia a base de medicamentos e da assistência aos portadores da AIDS. Mas a solidariedade, o amor e o apoio de todos que têm em suas famílias pessoas portadoras do vírus da AIDS são decisivos para a melhoria da perspectiva da vida. [28]

A terapia antirretroviral teve sua obrigatoriedade a partir da Lei 9.313 e que foi promulgada no governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, que dispondo sobre a OBRIGATORIEDADE e ACESSO gratuito aos medicamentos antirretrovirais no sistema público de saúde. Boa conquista aos portadores do HIV!!!!!!!!

Vamos trazer agora para uma conversa que você pode levar para suas aulas de Educação Sexual. E refere-se a algumas posturas que ainda hoje, passados anos e anos dos primeiros casos de IST/ AIDS, ainda precisam ser discutidas como forma de enfrentamento a elas: o estigma, a discriminação e o desrespeito aos portadores das IST.

E falar em discriminação é falar em acessos negados ou quando se excluem grupos ou pessoas de um ambiente de convívio social. Aspectos como estes sim são preocupantes quando o assunto refere-se aos portadores do HIV. Portanto bem mais que levar pra a sala a importância da prevenção e da terapia à base de medicamento que alivia os sintomas físicos e clínicos da AIDS, é importante que ressaltemos que o amor, o apoio e o respeito para com os seus portadores são importantes e garantidos. Por lei, agora.

O estigma e preconceito foram termos e posturas características do início dos anos 80 quando surgiram os primeiros casos de AIDS. E ele teve consequências tão grandes na sociedade e para as pessoas já que naquela época era erroneamente pensado que a AIDS era uma infecção adquirida somente por homossexuais. E por conta disso houve uma onda aterrorizadora de preconceitos contra eles, que sofreram o desrespeito e eram inclusive excluídos do convívio social e do seu trabalho Deve ter sido uma época difícil e que graças ao enfrentamento de segmentos sociais muito se caminhou neste sentido. Mas sabemos ainda há muito a ser conquistado.

Por isso é importante que tenhamos em mente e pensar que a inclusão da prevenção às IST e tudo a ela envolvido deve ser um assunto debatido sim em sala de aula como uma possibilidade de pensar em trabalhar junto aos alunos postura justas, igualitária e de reconhecimento das diferenças, da diversidade e pela rejeição de mecanismos discriminatórios de gênero e raça. [28]

ESTIGMA, vamos compreender este termo...

Este termo nasceu há muito tempo atrás e remonta a época da Grécia Antiga em que a pessoa recebia em seu corpo uma marca, digo marca mesmo, indicando a não possibilidade de contato com esta pessoa por vários motivos, inclusive de doença.. Este sentimento de se sentir marcado, ainda que não fisicamente, é o que sentem as pessoas quando sofrem com o sentimento de exclusão ou mesmo de desqualificação mediante a sociedade, este é o estigma. [29]

O estigma e o preconceito foram conceitos erroneamente construídos e espalhados pela sociedade. Exemplo: quem disse que as IST ou AIDS são infecções especificas de homossexuais, como divulgado no inicio dos primeiros casos desta infecção, lá por volta dos anos 80? Inclusive o termo “grupo de risco” como era denominado? Pensamentos e atitudes como estes são extremamente estigmatizastes. Que marcam. Que destroem com a vida das pessoas, bem mais que a doença em si. E realmente criam “marcas” fortes nas pessoas. Marcas não física, mas com efeitos devastadores sobre as pessoas que se sentem indesejáveis e excluídas perante os olhos do outro e da sociedade.

Neste sentido, a Organização Mundial de Saúde de uma forma brilhante informa que os riscos não são grupos específicos de pessoas propensas a “pegar” uma IST. Mas sim, o desconhecimento da importância da prevenção nas relações é que faz as pessoas tornaram-se vulneráveis às iST, e neste sentido, não necessariamente os homossexuais são propensos à se infectarem , como foi tanto tempo dito e rebatido pela sociedade .Portanto conceitos e posturas como estas necessitam ser desconstruídas .O importante é

compreender que o respeito e a dignidade de levar uma vida normal é um direto de todos. E neste sentido, inserem-se aqueles que são portadores de qualquer infecção.

A criança na escola tem direito do sigilo do seu nome por parte da gestão. Ela pode se ausentar para o tratamento e ter suas faltas justificadas. por exemplo. Você sabia disso?Estes olhares são importantes e remetem a nova forma de abordar Educação Sexual em sala. E que vai além de ações somente que remetem ao cuidado com o corpo físico. As abordagens subjetivas e culturais também devem estar presentes nas aulas, não mais com caráter controlador e nem repressor, mas de respeito ao outro. Mas para isso são necessárias ações educativas no sentido da desconstrução de posturas que podem de alguma forma desrespeitar o outro. E professor, como é importante este trabalho junto ao seu aluno (a)!Eles serão os multiplicadores deste conhecimento.

E o conhecimento é capaz de mudar cenários e mesmo pessoas, assim como conceitos. Através da Educação esta ação é possível. Os alunos devem saber que o respeito ao portador de uma IST é um direito, enquanto ser humano, antes de tudo. Inclusive o respeito é respaldado por lei. E por falar em direitas leis, vamos conhecer algumas destas conquistas que as crianças e adolescentes portadores de HIV alcançaram Maravilha, não é mesmo?

Os Direitos adquiridos pelas crianças / adolescentes que vivem com o HIV

• **DIREITO** a uma vida digna para que não possa produzir efeitos no desenvolvimento delas, inclusive à medicação antirretroviral que pode ser tomada em casa, e cabe à escola dar toda a assistência a criança ou adolescente. Suas faltas são justificadas. Caso necessite se ausentar para suas consultas.

• **SIGILO** resguardado tanto quanto ao diagnóstico soropositivo, por parte da gestão ou mesmo pelos funcionários. E caso, a criança ou adolescente sofra por atitudes de preconceitos, ou se por algum motivo a escola se negar a receber um adolescente ou criança, a gestão e mesmo os funcionários são o punidos.

5 - Leis e Regimentos que amparam o trabalho da saúde em sala de aula

Lei n. 8.069 que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente;

Os Parâmetros Curriculares Nacionais PCN são referências para a elaboração das matrizes curriculares. É nele que estão instituídos os temas transversais, entre eles o tema Orientação Sexual, como um tema a ser debatido desde as series iniciais do ensino fundamental e que veio para fortalecer as ações no campo da vulnerabilidade e prevenção das IST/AIDS;

Portaria Nº 687 do Ministério da Saúde para a implantação de ações para Promoção da Saúde em consonância com os princípios do SUS; governo para a consolidação do SUS;

Decreto Nº 6.286 que trata do Programa Saúde na Escola (PSE), em parceria com o Ministério da Educação, este projeto que é desenvolvido em todos os desenvolvido em todos os estados da federação, com a intenção de debater nas escolas temáticas referentes pertinentes à prevenção de IST, HIV e AIDS, gravidez na adolescência e uso de droga

Lei que ampara as pessoas com HIV (1989)

- VIII – não poderá ser feito referência à doença de alguém, passada ou futura, ou ao resultado de seus testes para o HIV/AIDS, sem o consentimento da pessoa envolvida. A privacidade do portador do vírus deverá ser assegurada por todos os serviços médicos e assistenciais.

- IX - Ninguém será submetido aos testes de HIV/AIDS. Os testes de AIDS somente deverão ser usados para fins diagnósticos. Controle de transfusões e transplantes, estudos epidemiológicos e NUNCA para qualquer tipo de controle de pessoas ou populações. Os resultados deverão ser transmiti- dos por um profissional competente.

- X – A todo portador do vírus é atribuído o direito de comunicar apenas às pessoas que deseja seu estado de saúde

Lei Antidiscriminação e Gratuidade de antirrretovirais

- Lei 2014 a Lei nº 12.984, de 2 de junho de 2014 que define como CRIME A DISCRIMINAÇÃO aos portadores do vírus da imunodeficiência humana (HIV) e doentes de AIDS.

- A partir da LEI Nº 9.313, DE 13 DE NOVEMBRO DE 1996. O Brasil distribui gratuitamente pelo SUS (Sistema Único de Saúde) o coquetel antiaids para todos que necessitam do tratamento

Declaração Universal dos Direitos Humanos

Artigo 1.º

Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade.

Artigo 2.º

Todos os seres humanos podem invocar os direitos e as liberdades proclamados na presente Declaração, sem distinção alguma, nomeadamente de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou outra origem nacional ou social, fortuna, nascimento.

Vamos compreender para repassar aos alunos uma forma bem simples como acontece o contágio ao vírus da AIDS

Assim acontece o contágio da AIDS:

•Sexo vaginal sem camisinha;

•Sexo anal sem camisinha;

•Sexo oral sem camisinha;

•Uso de seringa por mais de uma pessoa;

•Transfusão de sangue contaminado;

•Da mãe infectada para seu filho durante a gravidez, no parto e na amamentação;

•Instrumentos que furam ou cortam não esterilizados.

Assim não acontece o contágio da AIDS:

•Sexo desde que se use corretamente a camisinha;

•Masturbação a dois;

•Beijo no rosto ou na boca;

•Suor e lágrima;

•Picada de inseto;

•Aperto de mão ou abraço;

•Sabonete/toalha/lençóis;

•Talheres/copos;

•Assento de ônibus;

•Piscina;
•Banheiro.

6 - Conhecendo alguns sintomas característicos das IST

NOS HOMENS

•Corrimentos pela uretra (canal onde passa a urina e o esperma em quantidade e cores variedade)

•Ardor quando urina;

•Dores e inchaço nos testículos;

•Abcessos, aftas, vermelhidão e prurido no pénis ou nos testículos;

•Vermelhidão no palato (céu da boca[.

NAS MULHERES

•Inchaço ou úlceras no ânus;

•Corrimentos com mau odor da vagina;

•Prurido, ulcerações, abcessos. inflamação da vulva ou no interior da vagina;

•Dores e ardor quando urina;

•Dores e ardor durante as relações sexuais;

•Hemorragias fora do período da menstruação.

O uso da camisinha na Prevenção às Infecções Sexualmente Transmissíveis

Já nos reportamos à importância da informação sobre a prevenção para ser levada ao aluno (a) nas aulas de Educação Sexual e Educação em Saúde como fortes instrumentos para que ela aconteça como um embate às IST .Mas vamos também lembrar que o uso da camisinha nas relações representa um forte aliado para prevenção a IST, seja masculina ou feminina.Vale lembrar também que a eficácia e segurança do preservativo dependem de seu uso correto e consistente e que elas sejam utilizadas em todas as relações sexuais.

Assim como é importante reiterar em suas aulas que o uso, a técnica de uso e conservação também deve ser correta. E qual o significado desta eficácia? Ela está relacionada ao uso regular o que promove o aperfeiçoamento da utilização deste método e assim a diminuição de sua ruptura. As pesquisas indicam que a procura pelos serviços direcionados a as informações sobre prevenção acontecem em maior escala por parte o universo feminino.

Vale ressaltar ainda que os dados indicam que os meninos ou jovens adolescentes têm uma resistência em buscar informações nos meios de saúde, por terem vergonha de buscar, ou por acreditarem serem mais resistentes as IST. E isto é um dado pesquisado

Fatores como a idade ainda precoce na primeira relação dos jovens, o não acesso aos métodos contraceptivos, a não possibilidade de engravidar que muitas jovens pensam ao mantem suas primeiras relações são possíveis interferências quanto ao uso de métodos de prevenção. Segundo estudos nacionais os jovens ainda que conheçam alguns métodos de prevenção, uma pequena proporção deles não utilizam.[26]

Portanto, meu caro professor(a)

É necessário levar para os alunos e aluna a importância da **PREVENÇÃO** às infecções sexualmente transmissíveis com o uso regular da camisinha durante as relações. Fale também para os seus alunos, para que assim eles sejam multiplicadores deste pensamento para os demais amigos, que estas infecções não “escolhem” grupos específicos como homossexuais.

Bissexuais, heterossexuais, etc. Como disseminado e tratado no inicio do aparecimento da AIDS.

Neste ponto já dar para ir trabalhando nos alunos a desconstrução de pensamentos de preconceito que às vezes eles trazem de suas convivências sociais. Portanto, oriente-os , explicando que as infecções não têm preferencia por sexo, cor, raça ou credo religioso. Elas são na realidade o resultado de desinformações ou desconhecimentos sobre o uso da prevenção.

E que a **CAMISINHA** é a forma mais simples e nem por isso menos eficiente de proteção contra elas. E por isso é importante que repassemos aos alunos a importância do uso deste método nas relações sexuais.

Faça-os compreender que podem amar o outro (a) , relacionar-se sexualmente livremente com seus parceiros(a), mas segurança e proteção que a camisinha garantem. Fale também para os seus alunos que o uso deste artefato não diminui o prazer das relações. E pedir que o parceiro usar a camisinha não significa desconfiança Mas sim segurança! Na saída de uma balada ao conhecer outro (a) jovem é possível que “role” algo mais que um simples beijo.

Afinal conhecer e querer ficar com o outro (a) é bem característico da fase adolescente. E não custa nada usar a camisinha para este momento. Portanto, oriente seu aluno a se proteger. , e esta ação deve acontecer para os alunos que já são adolescentes e que a maioria, presume-se que já iniciou sua vida sexual. O prazer do sexo pode ser vivido e deve. Mas com a responsabilidade da proteção. Por isso, lembre seu aluno o quanto é importante :

CAMISINHA SEMPRE!

6- As metodologias de ensino como possibilidades educativas na prevenção às infecções sexualmente transmissíveis em sala de aula

As propostas pedagógicas são modalidades diversificadas do ensino que podem ser empregadas como possibilidades de despertar a capacidade dos alunos que ao imergirem em elementos teóricos a eles apresentados buscam neles elementos novos para serem por vezes não apresentados nas aulas tradicionais das salas. Estas modalidades ainda têm o caráter de despertar a curiosidade do aluno para o conhecimento que se quer ou se pretende que eles se apropriem através do estímulo da percepção de pertencimento que elas representam. Esta modalidade de ensino ainda tem como característica fazer a aproximação entre os alunos e os seus objetivos de aprendizagem com vasta possibilidade a promover a autonomia do aluno e o seu potencial pedagógico. [39]

Desta forma atuam como processos de formação do conhecimento a partir de análises e de estudos e que buscam soluções objetivando a solução para determinadas situações ou mesmo construções do conhecimento em que o professor e o aluno são partes integrantes, deste processo de apropriação do saber.[30]

Para o desenvolvimento de práticas de metodologia do ensino nos reportaremos à função da escola como responsável pelo desenvolvimento cognitivo dos alunos e onde é possível que este conhecimento seja construído mediante o uso de formas diversas do processo de ensino aprendizagem. E neste sentido cabe repensar em se sair do modelo tradicional de ensinar e buscar formas novas de construção sobre a prevenção às infecções sexualmente transmissíveis de Cênicas que somente trabalha as temáticas de prevenção nas series final do ensino fundamental. Está ação é reconhecida pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, os PCN, e estes parâmetros estão norteando a educação desde os anos 90, ou seja, não é recente.

Portanto, o ensino de Ciências tradicional não cabe mais em nossa realidade. Quando digo tradicional me refiro aquele em que não há uma participação efetiva do aluno e em que ele representa um mero depositário do conhecimento. Ele deve ser mais que isso. Ele deve ser parte integrante da construção do conhecimento. Por isso é importante pensar e buscar outras formas de promover a aquisição de atitudes e procedimentos necessários para a construção do saber. E que não se pode mais conceber que o ensino de Ciências seja limitado somente à transmissão de conceitos, ele é mais, já que pode permitir a coordenação do conhecimento mediante fatos desconhecidos. [17]

Trabalhar em sala de aula o ensino de Ciências na perspectiva de aumentar o conhecimento e apropriação deste conhecimento por parte dos alunos é possível através das novas metodologias do ensino. Elas representam um caminho que pode ser percorrido no sentido de se inovar a forma de trabalhar em sala de aula a prevenção às IST. Através destas propostas inovadoras do ensino, teremos como consequência, o conhecimento e aprendizagem fundamentada em quatro pilares que são: aprender a conhecer, relacionada ao interesse, a abertura para conhecimento, que verdadeiramente liberta da ignorância ou não conhecimento.

O aprender a fazer quando se executa determinada atividade e o aprender a conviver, que certamente é algo a ser explorado e desenvolvido na construção do saber e que representa o respeito a todos e finalmente o exercício de fraternidade que induz ao aprender e ao ser que é um dos principais papeis da ação educativa já que com ela teremos cidadão que sabem o que querem e quando querem. [39]

Por isso é importante pensarmos em outras formas de promover a aquisição de atitudes e conhecimentos. Que não seja somente através das aulas expositivas ou através de livros, com informações prontas. Hoje há disponível no campo educacional textos, vídeos e filmes com ricos potenciais educacionais para a construção do saber não limitado somente à transmissão de conceitos, mas um ensino realizado em conformidade com assuntos de interesse do aluno e que valorize aspectos maiores, mais relevantes a partir de problematizações dos conhecimentos científicos e contextualizados com a realidade do aluno. [31]

Pensando nisso é que disponibilizamos neste livro algumas formas dinâmicas de trabalhar em sala de aula a perspectiva da prevenção como possibilidades pedagógicas e com relevância da apropriação de informações da prevenção ás IST .Acredito que podem ajudar na construção do conhecimento e que é possível através destas práticas didáticas fazer um ensino de Ciências , da Educação Sexual e da educação em saúde transformador e não somente tradicional.

Digo mais, possível de fazer através de oficinas, filmes e seminários com o objetivo da construção do conhecimento e da aprendizagem fundamentados em quatro pilares que são: aprender a conhecer, relacionada ao interesse despertado no aluno sobre o tema da prevenção, permitindo a abertura para conhecimento, que é o que verdadeiramente liberta o não conhecimento; o aprender a fazer, que se dá quando se executa determinada atividade, o aprender a conviver, que certamente é algo a ser explorado e desenvolvido na construção do saber e que presenta o respeito a todos e finalmente o exercício de fraternidade que induz ao aprender a ser que é um dos principais papeis da ação educativa já que com ela teremos cidadãos que sabem o que querem e quando querem. [3]

Veremos a seguir algumas destas propostas de ensino que representam possibilidades pedagógicas a serem incorporadas as suas aulas como forma de obter conhecimentos e habilidades necessárias à construção do conhecimento à prevenção às IST.

SEMINÁRIOS: poderão ser realizados na escola tanto nos espaços da sala de aula quanto nas áreas destinadas às atividades físicas. Esta modalidade de construção do ensino promove no aluno o desenvolvimento de sua capacidade crítica através da reelaboração do conhecimento. Os Parâmetros Curriculares Nacionais reconhecem a importância das atividades práticas como importantes para a construção do conhecimento e as atividades práticas são importantes porque criam uma capacidade de participação, argumentação e indução, dos seus participantes.

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: representam possibilidades pedagógicas a serem incorporadas as aulas como forma de obter conhecimentos e habilidades necessárias à construção do conhecimento presentam formas de se conceber os saberes já que representam situações de construção do ensino e que tem uma característica dinâmica em que pessoas estão em um mesmo espaço e envolvidas naquele momento em descobrir, criar ou mesmo recriar determinado conhecimento.

OFICINAS: representam formas de se conceber os saberes já que representam situações de construção do ensino e que tem uma característica dinâmica em que pessoas estão em um mesmo espaço e envolvidas naquele momento em descobrir, criar ou mesmo recriar determinado conhecimento..

SESSÃO DE CINEMA: representa a possibilidade de promover o ensino e como uma proposta diversificada de promover o ensino. Já que hoje milhões de pessoas vão ao cinema e entre estes milhões encontram-se professores e aluno, sendo inclusive importante a sua inserção nos currículos das escolas de forma- ção de professores.

FEIRA DE CIÊNCIAS: são espaços onde os estudantes têm a possibilidade de apresentar os seus produções para outras pessoas que não necessariamente as da escola são uma tradição nos meios escolares de construção de conheci-mentos

1) OFICINA 1: “Conhecendo Importância do Uso da Camisinha Masculina e Feminina na Prevenção Às Ist”

MATERIAL

Quadro Branco e papel com desenho da camisinha masculina e feminina para colar no quadro.

COMO ACONTECE

- Depois que os desenhos foram dispostos no quadro ou no chão da sala, o professor vai pedir para que cada aluno escreva o que vem a cabeça dele ao ver o desenho da camisinha. E por que é importante o seu uso. Várias ideias surgirão e o professor (a) passados em média 2O minutos o professor vai vendo o que os alunos escreveram e os seus diversos significados. Cabe ao professor aprofundar as informações que estão escritas e orientar o conhecimento sobre as possíveis respostas que estão certas e as que não estão também. O professor ainda o cuidado de não sensibilizar o aluno que de alguma forma não soube responder ou não quiser participar .O importante é direcionar as ideias que vão surgindo.

DURAÇÃO DA OFICINA

1h30 min

OBJETIVO

Possibilitar aos alunos a reflexão e o conhecimento sobre métodos de prevenção e sua importância na prevenção às IST

2) OFICINA 2: ”Conhecendo as IST”

MATERIAL

Música e Tiras de papel com os sintomas de algumas infecções sexualmente transmissíveis.

COMO ACONTECE

- A música inicia e o professor pedirá para os alunos dançarem. Quando a musica parar eles deverão tirar de uma pequena caixa tiras com nomes de alguns dos sintomas das infecções: coceira, ardor ao urinar ou secreção. Neste momento o professor vai explicando que a coceira na área genital quando é frequente pode ser um sinal indicativo da necessidade de ir ao médico, ou pedir para os pais que os levem e assim vai fluindo a oficina. O importante é que todas as fichas sejam retraídas da caixa e os sintomas das IST sejam lidos e explicados pelo professor quando parar cada música. A função da música aqui é tornar o ambiente mais relax para que os alunos sintam-se mais à vontade e assim as informações comecem a fluir

DURAÇÃO DA OFICINA

Tempo: 1h20

OBJETIVO

Discutir com os alunos e estimular a reflexão e a partir dela o conhecimento dos alunos sobre os sintomas das infecções sexualmente transmissíveis

3) Oficina 3: “Transmite”, “Não Transmite ”

MATERIAL

Recortes de revistas com imagens de seringas, de camisinhas masculinas. Femininas, roupas, toalha,. banco de ônibus, imagem de piscina , prato, colher. Copo, etc.

COMO ACONTECE

- O professor deve dispor no quadro branco as imagens de recortes de revistas ou impressas de seringas, de camisinhas masculinas, femininas, roupas, toalhas, banco de ônibus. Imagem de piscina prato. Colher. Copo. Depois vai perguntar para os alunos se: usar camisinha transmite as infecções sexualmente transmissíveis,? Usar toalhas não transmite as infecções sexualmente transmissiveis e assim por diante. As palavras chave são TRANSMITE e NÃO TRANSMITE. Assim os alunos terão acesso às informações de transmissão e proteção às infecções sexualmente

DURAÇÃO DA OFICINA

Tempo: 1h20

OBJETIVO

Levar ao conhecimento dos alunos as formas de transmissão das IST e a partir delas estimular a importância à sua prevenção. Esta oficina é direcionada para os alunos das séries finais do ensino fundamental

4) Oficina : “o Sanduiche do Respeito”

MATERIAL

Recortes de tiras de papel, canetas coloridas, pincel de quadro branco , musica, no quadro escrever o os 1º e 2º parágrafos da Declaração Universal dos Direito Humanos

COMO ACONTECE

- Você professor vai dizer para os alunos fazerem de conta que estão em uma lanchonete e que vão pedir para montar um sanduiche para eles. Para montar o recheio do sanduiche eles vão pedindo as tiras de papel que têm cada um dos nomes RESPEITO , IGUALDADE, COMPREENSÃO, ATENÇÃO. Quando eles escolherem as tiras/ recheio pode ser perguntado para o aluno por em momento ele quer atenção, em que momento ele quer respeito, em que momento ele que igualdade, isso depois que você professor pedir para ele olhar para o quadro onde esta escrita a Declaração Universal dos Direitos e que é o tema base debate nesta oficina.

- E assim a oficina vai acontecendo e os alunos vão expondo os seus olhares sobre si e sobre o outro Ao final o professor pode pedir para que todos dêem as mãos e se abraçem em um grande circulo de força e de reconhecimento de que são detentores do respeito para com eles mesmo e para com o outro

DURAÇÃO DA OFICINA

Tempo: 1h30

OBJETIVO

Levar ao aluno o conhecimento de que ele (a) tem o direito a liberdade de escolha, liberdade de ir e vir, tem o direito de ser respeito em suas escolhas quaisquer que sejam elas

Práticas Pedagógicas

1) Prática Pedagógica :“Prevenção”

O professor inicia a aula com esta pergunta: Você sabe o que são Infecções Sexualmente Transmissíveis?

A pergunta representa a problematização inicial da prática.

Depois o professor pede para que os alunos escrevam em seus cadernos as suas ideias sobre o que é a prevenção. Passado o tempo estipulado será pedido ao aluno ler o escreveu no seu caderno

Depois peça para os alunos trocarem os papeis entre si e para que cada aluno leia não o que ele escreveu, mas o que o colega escreveu sobre a pergunta inicial. As respostas neste meio tempo vão surgindo. E o professor deverá conduzi-las de forma que ao final da aula, em média 45 minutos, possam ser contextualizadas e comparadas às opiniões de cada um dos alunos.

Durante a leitura das respostas é possível que surjam risos das respostas que não estiverem certas. Atitude comum na fase adolescente. E neste momento o professor pode trabalhar o respeito a resposta do outro caso não esteja correta e não somente a construção de conhecimentos sobre a prevenção às IST. Que também é esperada nesta oficina.

O que se espera com esta proposta didática: (habilidades e competências)?

Construção de conhecimentos sobre a prevenção às IST e do respeito ao outro.

Tempo: 1h20

2) Prática Pedagógica: “Conhecendo o HPV

O professor inicia esta prática com a seguinte pergunta: Quem já tomou a vacina contra o HPV?

Mediante a resposta da maioria dos alunos o professor conduzirá a oficina perguntando se o aluno sabe por que tomou aquela vacina e para que ela serve.O professor poderá iniciar a oficina dizendo que a vacina serve para ajudar a proteger contra um vírus, que é um microrganismo parecido com o que provoca a gripe.

Depois poderá discutir sobre o vírus do HPV, que causa uma infecção explicando que esta infecção pode não acontecer com eles, caso eles tomem a vacina. Sejam imunizados por ela Orientem os no sentido da importância de se vacinarem e que , inclusive , é gratuita e que a vacina está disponível nos postos de saúde devendo ser tomada na faixa etária entre 9 e 14 anos.

O que se espera com esta proposta didática: (habilidades e competências)?

Desenvolver nos alunos o conhecimento sobre o HPV, já que esta é uma das infecções que mais acometem os jovens e que é responsável por causar câncer de colo nas jovens, caso não seja diagnosticado em tempo. É uma infecção de sintoma silencioso, ou seja, nem sempre se manifesta, e são perceptíveis, por isso, de diagnóstico difícil

Tempo: 1h30

3)Prática Pedagógica: “conhecendo as formas de contágio da AIDS”

Nesta proposta didática o professor vai criar cartões com a pergunta: ASSIM SE PEGA AIDS” ASSIM NÃO SE PEGA AIDS “.

Os cartões estarão embaralhados e de cabeça para baixo em uma mesa. A resposta não estará no cartão da pergunta, mas em outros, e os alunos levantarão os cartões e vão lendo as respostas. **“**beijo na boca” compartilhar roupa” , “fazer sexo sem camisinha”, “fazer sexo com camisinha” , “doar sangue”, “o suor transmite AIDS”, “A lágrima transmite AIDS”, “HOMEM “”MULHER “

O professor conduzirá a dinâmica verificando se as respostas estão sendo dadas de forma correta ou não: o professor faz a pergunta e os alunos vão levantando o cartão, e vendo o que esta escrita nele. Neste momento o importante pé verificar se as respostas do cartão que o aluno levanta como sendo a correta, de fato está correta à pergunta problematizadora. inicial

O que se espera com esta proposta didática: (habilidades e competências)?

Desenvolver nos alunos o conhecimento de uma forma bem simples e prática de como pode acontecer ou não acontecer o contágio da AIDS e o respeito aos seus portadores ao relatar as possíveis formas de contágio da AIDS, inclusive o professor poderá neste momento dizer aos alunos que a AIDS não escolhe gênero, cor, raça, e o que de fato faz uma pessoa se contaminar é o não uso da camisinha.

Esta proposta didática além de esclarecer as dúvidas quanto as formas de contágio também pode iniciar as possíveis desmitificações sobre temas relacionados à AIDS como preconceito chamava grupo de risco.

Tempo: 1h30

4) Prática Pedagógica :“Quem depois das relações sexuais?”

Nesta proposta serão trabalhadas formas de levar aos alunos os conhecimentos sobre condutas importantes para quem já mantem relações sexuais como possibilidade de minimizar a vulnerabilidade dos jovens frente as possíveis riscos pelos desprovimento de cuidados de proteção nas relações sexuais e com o corpo.

O professor vai distribuir cartões com as seguintes opções e os alunos vão responder.

-Tomou vacina contra o HPV?

Vai ao Médico quando sente alguma diferença no corpo?

- Compra Camisinha para as relações-?

- Coloca a camisinha na hora da relação?

- Conversa com os amigos, com a família, com os professores sobre sexo ou camisinha?

O que se espera com esta proposta didática: (habilidades e competências)?

O professor, após as apresentações dos subgrupos que se formam na sala de aula ou fora dela, ira discutir as ideias mais importantes para ressaltará a vulnerabilidade. Procurando fazer o grupo refletir sobre as condutas sobre suas ações e a partir destas reflexões sobre a possibilidade de efetuar mudanças em si próprios para que se tornem menos vulneráveis, e também, mudanças ou novas formas de dar atenção aos adolescentes com o propósito de despertar neles os agravos frente as formas de cuidados a serem tomados nas relações sexuais.

Esta oficina é direcionada para o último ano do ensino fundamental

Tempo: 55 min

c) Sessão de Cinema

Na atualidade a sociedade esta cada vez mais em busca de informação e de formas diversificadas dela. Neste sentido o cinema representa uma possibilidade de produção do conhecimento. especialmente quando ele é utilizado pela comunidade adolescente e já que representa uma possibilidade aulas foram feitas através da linguagem me da quer queiramos ou não o mundo hoje é digital e através deste mundo o aluno é pelas estórias em quadrinhos, pelos games, videoclipes.

Portanto a partir da constatação da importância e relevância de utilizar o cinema como proposta de educar para a promoção de conhecimentos da prevenção às IST, o respeito aos portadores destas infecções, conhecer o que pode levar um jovem a contrair algumas delas e assim trabalhar a prevenção é que apresentaremos algumas possibilidades de filmes para você trabalhar em sala de aula a prevenção às IST .

Filme: O Coração Normal (2014)

Fonte: https://images.app.goo.gl/qDnQwWoNc6wptoTo8

O filme se passa na década de 198O. quando uma nova doença aparece se alas- trando pelos Estados Unidos e causando um grande índice de mortalidade. Tra- tado como “câncer gay”. devido ao fato de que a maior parte dos iinfectados serem homossexuais, o governo da época não dá a devida importância. Aí que entra Ned Weefis (Marfi Fluualo[. um escritor que apela para todos os meios de comunicação possíveis para falar sobre o tema.

Filme: Filadélfia (1993)

Fonte: https://images.app.goo.gl/grMuueflbv6bolaA16

Andrew Becfiett (Tom Hanfis[é um advogado homosse"ual que se vê demitido da firma conservadora que trabalha. logo depois de descobrirem que ele havia contraído o vírus da AIDS. Andrew então contrata os serviços de loe Miller (Den- zel Washington[para processar a firma. Só que Joe é um advogado homofóbico que tem que deixar seus próprios valores de lado para conseguir vencer o caso.

Filme: Um Lugar para Annie (1994)

fonte: https://images.app.goo.gl/LfipcgLoa"dwmrqfl$6

Annie é um bebê de três meses que foi abandonada pela mãe, uma viciada, em uma clínica. Onde foi diagnosticada com AIDS. Com ninguém querendo ficar com a menina, que poderia a qualquer momento morrer por causa da doença, ela seria mandada para Tremont um hospital onde ficam os que ninguém quer e esperam pela morte. Só que a enfermeira da clínica. Susan (Sissy Spacefi[. não aguenta a situação e resolve ficar com a criança.

Filme: A Cura (1995)

Fonte: https://images.app.goo.gl/qC6VbybPVVBTvy*fi\

Erick é um garoto solitário que fica amigo do seu vizinho. De "ter. um menino de 11 anos diagnosticado com o vírus da AIDS. Quando os dois leem um artigo sobre um médico de Nova Orleans que diz ter descoberto a cura da AIDS. os dois embarcam juntos atrás do médico, na tentativa de conseguirem a cura.

.

Filme: Cazuza - O Tempo Não Para (2004)

Fonte: https://images.app.goo.gl/T"Ag6mHU\UmdSbAQ8

O filme acompanha a vida marcante de Cazuza (Daniel de Oliveira) do Início de sua carreira em 1981 até a morte. Em 1990 aos 32 anos. O filme narra sua trajetória, como o Barão Vermelho, a carreira solo, suas músicas que descrevia as angustias de uma geração, além de seu comportamento transgressor e a atitude na hora de se apresentar, mesmo debilidade pela AIDS.

Após a exposição dos filmes pode ser feito em sala de aula com o uso do data show da sua unidade de ensino e do notebook .Ao final de cada um deles que serão trabalhados em datas diferentes e em conformidade com a

idade do seu aluno vários pontos podem ser trabalhados e discutidos na construção de conhecimentos .Inclusive vou dar umas dicas : trabalhe a estória da AIDS.

Como se deu este cenário. A forma como ela era tratada pela mídia. Trabalhe com os ensaios de descobertas da cura da AIDS, fale que ainda que a cura não exista, mas já é possível através da terapia Antirretroviral o portador do HIV ter uma vida social e amorosa relativamente normal. Inclusive ela esta disponível no sistema único de saúde. Trabalhe a importância do carinho e do respeito aos portadores da infecção que também representam uma forma de tratamento a ser realizado como melhoria da qualidade de vida de quem tem a AIDS.

No filme O Coração Normal filme pode ser trabalhada a perspectiva histórica da AIDS E o aparecimento dos primeiros casos de IST/HIV e como se deu todo o enfrentamento pelos portadores iniciais desta infecção e de suas lutas para levar as informações desta doença na época já eu ainda era desconhecida. Poderá ser trabalhada com os alunos a ideia de que a IST não é característica de grupos específicos, mas que pessoas com comportamentos de riscos, mediante o não uso de proteção é que são acometidos por elas: sejam homem, mulheres gays ou heterossexuais. Ou seja não são as relações sexuais que implicam no adoecimento das pessoas por alguma IST, mas sim a não utilização o não uso do preservativo nas relações.

O filme de Cazuza é um bom referencial de trabalho, não desmerecendo os demais, mas pelo fato dele ter sido um cantor brasileiro, ter feito parte de uma banda de rock nacional muito conhecida. No filme ele se se relacionava de forma despretensiosa sem a prevenção e assim foi diagnosticado com a AIDS. Neste ponto pode incidir sobre a importância da prevenção pelo uso da camisinha. Quanto ao possível questionamento de “mas ele morreu”. Lembre-os de que naquele período ainda não existia a terapia antirretroviral, hoje disponível, inclusive pelo SUS, e que permite o seu portador ter uma vida relativamente normal, aumentando inclusive os anos de vida do seu portador.

Pode ser pedido ao aluno, após assistir os filme, que eles procurem conhecer as leis que amparam o respeito ao individuo portador do HIV , conhecer o significado dos estigmas e preconceito e que são importantes tratados a serem trabalhados e motivados para a desconstrução deles . Aos alunos devem ser propiciados estes conhecimentos. Esta ação vai de encontro ao propósito de promover a desconstrução de posturas de preconceitos que, por vezes e erroneamente, os alunos ainda trazem de suas convivências sociais.

Quem ainda não ouviu um aluno se referir ao outro com termos pejorativos quanto à orientação sexual dos colegas? Ainda que a sexualidade não seja parte do nosso estudo, faz-se necessário o enfrentamento destas posturas estigmatizastes. Portanto o respeito ao outro pode ser trabalhado em sala de aula e, através da Educação Sexual, é possível trabalhar também estas posturas nos alunos, hoje jovens, mas futuros adultos amanhã, se pensarmos que queremos um amanhã melhor.

Portanto, os filmes apresentados poderão ser utilizados como recursos de construção de conhecimento sobre temáticas relacionadas, sexo, construção do respeito por si, para com o outro. Faça-os compreender que o respeito ao outro é amparado é importante, inclusive respaldado por lei e que todos têm o direito a ter uma vida normal em seus vários aspectos: ir, vir, e que ninguém pode ter estes direitos negados

É de suma importância a sua presença no momento em que o filme for apresentado. Você é a pessoa principal na condução dele. Inclusive faça deste momento um agradável espaço de aprendizagem e trocas de informações e com ela a construção de conhecimentos. Mas não esqueça que é importante, após assistir a cada filme, que seja pedida ao aluno (a) a resposta de suas perspectivas sobre cada tema e que pode ser realizado através de um relatório, seminário ou uma redação entregues nas aulas subsequentes. Portanto, vale lembrar que é importante:

- **A devolutiva das problematizações levantadas após cada uma das sessões dos filmes que podem através de relatórios, redações, pesquisas,etc.**
- **As sessões de filme ainda que pareçam uma intenção desprovida de objetivos , nelas muitos conceitos podem ser construídos e mesmo descontruídos com esta possibilidade dinâmica de aprendizado**
- **A sua presença nas sessões é importante**

d) Feira de Ciências

As Feiras de Ciências são espaços onde os estudantes têm a possibilidade de apresentar as suas produções para outras pessoas que não necessariamente as da escola. Elas representam uma tradição nos meios escolares há muitos anos. São responsáveis ainda por desenvolverem as seguintes habilidades nos alunos: O crescimento pessoal e a ampliação dos conhecimentos obtidos em suas aulas e que serão expostos aos demais alunos ou participantes, a ampliação da capacidade comunicativa já que os alunos precisam estar informando sobre os seus projetos e trabalhos para assim repassar para demais alunos e participante, e assim o aluno sente-se

empoderado Mudanças de hábitos e atitudes que acontecem a partir da construção de conhecimentos oriundos destas feiras Elas podem ser dos seguintes tipos1) De montagem, em que os alunos apresentam aos participantes objetos oriundos de seus estudos de ciências

2) informativas, quando apresentam alguma informação pertinente determinado assunto

3) investigativa, quando são apresentados projetos com temas relacionados a alguma conhecimento dos alunos ou mesmo de critica por parte deles.

Portanto faça desta modalidade de metodologia, como uma dica, um momento de socialização dos conhecimentos adquiridos nas outras metodologias que já expusemos.

Para isso divida a sala em equipes, com camisas de cores diversas, cada um com um tema para ser apresentado para os colegas. Convide os pais, gestores de outras escolas para participarem deste momento de alegria, diversão, conhecimento, mas também de construção e socialização de conhecimentos já que através delas é esperada a aquisição de atitudes e habilidades. Durante as feiras como forma de socialização e participação da maioria dos alunos, pode ser pedido que eles criem os desenhos a serem usados em suas camisas, de cores diversificadas, criando suas marcas e nomes tais Feira de Ciências da Camisinha Atômica que tratara do uso da Camisinha, eles podem construir maquetes de vírus e bactérias e explicar como elas atingem o organismo, já que as IST têm como agente etiológico estes organismos.

Pode ser possibilitada a distribuição de camisinhas, cartilhas de prevenção das IST, folders informativos sobre as IST e que você professor pode adquirir na Secretária Municipal de Saúde, localizada na Alemanha, através de um ofício encaminhado ao Secretário Municipal da Saúde. Esta parceria com a secretaria é importante para o trabalho em sala sobre a prevenção. Inclusive, pode solicitar a presença de algum profissional da área da saúde para ser realizada uma campanha de vacina contra o HPV para alcançar os jovens que ainda não foram vacinados e nesta prepositiva orienta-los que esta infecção acontece sem necessariamente as relações sexuais se efetivarem de fato.

E que ela é a percussora do câncer de colo uterino nas jovens, uma doença silenciosa e que pode até mesmo levar ao óbito caso não seja diagnosticada cedo. De uma forma não aterrorizadora, como já falamos anteriormente Portanto, acredito que esta proposta pedagógica possa ser inserida no seu dia a dia escolar como possível caminho na construção de conhecimentos e utilizada para trabalhar os conhecimentos sobre métodos de prevenção às Infecções Sexualmente Transmissíveis, prevenção e formas de olhar para si, olhar para o outro com respeito. Ou seja, são inúmeras e enriquecedoras possibilidades de construção de conhecimentos durante a realização das Feiras de Ciências.

Algumas Dicas de Parcerias

A Secretaria Municipal de Saúde (SEMUS) faz um trabalho interessante de parceria com intuições para realizar palestras na área da prevenção às infecções sexualmente transmissíveis E estas palestras contam com profissionais especializados na área da saúde. Basta enviar um documento ao diretor da Secretaria solicitando este momento com os profissionais que são experientes nesta área, inclusive levam material informativo para distribuição para as pessoas.

Para isso é necessário encaminhar um ofício à secretaria municipal de saúde solicitando a realização de palestras sobre a prevenção às infecções sexualmente transmissíveis. A equipe da secretaria tem interesse em divulgar e realizar estes momentos como possibilidades de atuarem na prevenção, ate porque eles tem o acesso aos números que indicam o quanto os jovens são vulneráveis a estas infecções e , portanto, a prevenção é um caminho a ser seguido para diminuir estes números.

Secretaria Municipal de Saúde do Maranhão

Local : Avenida. dos Franceses, 113 - Alemanha - São Luís/MA - CEP.: 65.036-281.

8 - Links e sugestões de leitura para seu acesso à mais informações sobre IST e o mundo adolescente

- http://saberviver.org.br/
- http://portalms.saude.gov.br/
- www.educacao.ma.gov.br/

CÂMARA, Cristina et al. Direitos de crianças e adolescentes vivendo e convivendo com HIV/AIDS no Brasil (projeto de pesquisa). São Paulo/Brasília: Unicef, 2004.

CALLIGARIS, C. A Adolescência. São Paulo: Publifolha, 2000.

BARBOSA, R. M. Negociação sexual ou sexo negociado? Poder, gênero e sexualidade em tempos de Aids. In: BARBOSA, R. M.; PARKER, R. (Orgs.). Sexualidades pelo avesso:direitos, identidades e poder. Rio de Janeiro: São Paulo: Editora 34, 1999. p. 73-88.

CARVALHO, F.A. Que saberes sobre a sexualidade são esses que (não) dizemos na escola?. In: FIGUEIRÓ, MARY NEIDE D. (org). Educação Sexual: Em busca de mudanças. Londrina: UEL, 2009.

UNHA, ANA MARIA de O.; FREITAS, DANIELA de; SILVA, ELENITA P. O corpo da ciência, do ensino, do livro e do aluno. In: Ministério da Educação, Coleção explorando o ensino: Ciências, Ensino Fundamental. 2010.

CANEN, Ana. O multiculturalismo e seus dilemas: implicações na educação.Disponívehttp://www.cebela.org.br/imagens/materia/02ded04%20ana%20caren.pdf Acesso em

Vamos para um Bate Papo Final

Espero que este livro e com tudo aqui depositado de forma simples e esclarecedora, eu possa contribuir em suas aulas de Ciências ao abordar a prevenção às infecções sexualmente transmissíveis, suas possibilidades de transmissão e prevenção utilizando a Educação em Saúde e Educação Sexual como eixos norteadores de suas ações e olhares ao aluno que tem vontades e posturas que podem ate aos olhos dos outros não serem sabedores de que o ensino de Ciências precisa atender a demanda da necessidade social e educacional dos estudantes mediante suas vulnerabilidades em várias vertentes.

Ainda que as informações pareçam estar presentes em todas as partes, já que vivemos a era digital e há uma facilidade de acesso às informações, os dados relevantes de adolescentes que adoecem fisicamente por conta das IST ainda que tenham diminuído se comparados a anos anteriores , ainda é assustador e necessita de olhares e formas de conduzi-los nesta jornada , já que alunos precisam de uma direção e um norte sobre as formas de buscar e viver o prazer da juventude , de viver suas relações sexuais mas com a consciência de que isto requer também um conhecimento sobre como viver estas relações, como cuidar do seu corpo, das suas fragilidades perante suas buscas de identidades que culminam com relações sexuais.

Acredito que a Educação Sexual possa representar uma proposta real de construção de conhecimentos em sala de aula, ou fora dela através de ações extra espaços formais e que possam em uma visão mais libertadora r romper com alguns paradigmas ainda existentes: o desrespeito, o estigma e os preconceitos. Pude constar em meus estudos e pesquisas que culminaram com este livro que é possível a construção de conhecimentos nos alunos de como eles podem se cuidar quando o assunto é prevenção, mas é possível também a construção de posturas de respeito ao outro em sua totalidade

enquanto ser quando a Educação Sexual é realizada através de discursos pautados em diálogos com os alunos para que estes reconheçam nas falas e posturas docentes um apoio, um respeito frente as suas escolhas, e formas de viver a sua juventude.

Este é o caminho a se trilhar quando pensamos na Educação Sexual , diria até mesmo que de uma Educação Sexual vanguarda, libertadora e que caminha no oposto aquela dos nos 60 que banalizava, desrespeitava , disciplinava e tinha a intenção de normatizar condutas e comportamentos no inicio do século e que em nada ajudaram e mesmo ajudam na construção e reformulação de formas de pensar e agir dos indivíduos.

Este livro foi elaborado por Ana Paula L.C. Marques discente da segunda turma do o produto do Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica PPGEEB da Universidade Federal do Maranhão como requisito obrigatório para obtenção do título de mestre.

Seu teor traz a discussão das Infecções Sexualmente Transmissíveis sob os pilares da Educação Sexual e Educação em Saúde como enfrentamento às vulnerabilidades dos jovens nas escolas municipais de São Luis, mais especificamente nas unidades de ensino que serviram de base para realizar o estudo sobre as concepções docentes em sala de aula e que amparada por ele, surgiu este livro com assuntos que podem ser discutidos entre o mediador do conhecimento, professor e o ator principal, alunos como propostas a serem desenvolvidas nas aulas de Ciências ou mesmo em outras como construção de conhecimentos por parte das metodologias das propostas didáticas.

Design gráfico
José Haroldo Matos Machado
- Graduando em História - UFMA
- Estagiário no Arquivo Público do Estado do Maranhão
- Apoio Técnico no PPGHis - Programa de Pós-Graduação em História | UFMA

Referência Bibliográfica

1 - CASTRO. M. ABfIAMOVAY. M. SILVA. L.B. luventudes e Sexualidade. Brasília:
UNESCO, 2004.

2 - BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e AIDS. Prevalências e freqüências relativas de Doenças Sexual- mente Transmissíveis (DST[em populações selecionadas de seis capitais brasil- leiras. Brasília, DF, 2010.

3 - MAfl6UES. Maria Cristina da Costa. A historia de uma epidemia moderna: a emergência política da Aids/HIV no Brasil. São Carlos: Filma. 2OO }. Maringá: EDUEM, 2003

4 - TA6UETTE. S. fl.. VILHENA. M. M.. PAULA. M. C. Doenças sexualmente transmissíveis e g ênero: um estudo transversal com adolescentes no Rio de Janeiro. Cadernos de Saúde Pública. Rio de Janeiro. v. 2O. n. 1. p. 282-2QO. 2OO$b.

5 - MOISES, J. S.; BUENO, S. M. V. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. flevista Escola de Enfermagem USP, São Paulo, v. 4, n. 1, 2010.

6 - flESSEL. L. B.. lUNGES. C. r.. SEHNEM. G. D.. SANrELICE. C. A influência da família na vivência da sexualidade de mulheres adolescentes. Esc. Anna Nery flev. Enferm, v. 15, n. 2, p. 245-250, abr.-jun. 2011.

7 - BflÊTAS. l. fl. S. et al. Conhecimento sobre DST/AIDS por estudantes adolescentes. flevista da Escola de Enfermagem da USP. São Paulo. v. $}. n. }. p. $$1-$$\. 2009b.

8 - IOINT UNITED NATI◇NS PfOGflAMME ◇N HIV-AIDS. Disponivel em: /www.uno- d c.org/lpo-brazil/pt/hiv-aids/unaids.html >. Acesso em: O$. 2O1Q.

9 - MOHfl. A.. SCHALL. V. T. flumos da educação em saúde no Brasil e sua relação com a educação ambiental. Caderno de Pública Saúde.Rio de Janeiro. v. 8. n. 2. p. 199-203, 1992.

10 - .CAflVALH◇. S. fl. Saúde coletiva e promoção da saúde: sujeito e mudanças. São
Paulo: Hucitec, 2005.

11 - AYflES. l. fl. C. M. et al. ◇conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde: novas perspectivas e desafios. In: CZEflESNIA. D.. rflEITAS. C. M. (◇rgs[.Promoção da saúde: conceitos. refle"ões. tendências. flio de laneiro: riocruz. 2OO}. p. 11\- 139.

12.- *ELLNEfl. Douglas. Lendo imagens criticamente: em direção a uma pedago- gia pós moderna. In: SILVA. Tomaz T. da (◇rg.[. Alienígenas na sala

de aula: uma
introdução aos Estudos Culturais em educação. flio de laneiro: Vozes. p. 1O$-

131. 1995

13 - SILVA. l. A. A.. HADDAD. r. Prefácio. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Escolas promotoras de saúde: experiências do Brasil. Brasília: Ministério da Saúde, Organização Panamericana da Saúde. 2OO6. 2\2p. (Série Promoção da Saúde. n. 6[

14 - ALTMANN, H. M., C. J. Educação Sexual: ética, liberdade e autonomia. Educ. rev.. n.}$. p. 6}-8O. 2OOQ.

14. BAflflETO. A. C. M.. SANT◇S. fl. S. A vulnerabilidade da adolescente às doenças sexualmente transmissíveis: contribuições para a prática da enfermagem. Esc. Anna Nery. v. 1}. n. $. dez. 2OOQ.

15 - BESEflflA. E. P.. PINHEIflO. P. N. C.. ALVES. M. D. S.. BAflflOSO. M. G.T. Adolescência e vulnerabilidade às doenças sexualmente transmissíveis: uma pesquisa documental. J Bras Doenças Sex Transm, v. 20, n.1, 2008.

16 - BRASIL. Ministério da Saúde (MS[. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departa- mento de DST. Aids e Hepatites Virais. Recomendações para a Atenção Integral a Adolescentes e Jovens Vivendo com HIV/Aids. 1ª Edição. Brasília: MS; 2013.
CAMAflGO. B. B◇TELH◇. B. L. AIDS. sexualidade e atitudes de adolescentes sobre proteção contra o HIV. flev Saúde Pública. Acta Scientiae Canoas. v. 12 n. 1. p. 12} 138, jan./jun. 2007.

1\. GUIMARÃES G. Aerts D. Câmara SG. A escola promotora da saúde e o desenvolvimento de habilidades. Diaphora: Revista da Sociedade de Psicologia do flio Grande do Sul, 2012

18 - rIGUEIflEDO. Túlio Alberto Martins de. MACHAD◇ Vera Lúcia Taqueti and ABflEU. Margaret Mirian Scherrer de. A saúde na escola: um breve resgate histórico. Ciênc. saúde coletiva [online]. 2010, vol.15, n.2, pp.397-402. ISSN 1413- 8123. http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232010000200015.

19 - JESUS. M.C.P. ◇significado da educação sexual na relação pais/ adolescentes. Revista Brasileira de Enfermagem. Brasília (Dr[. v. $2. n. }. p. $$$-$68. jul./ set.1999.

2O - . OflGANIZAÇÃO PANAMERICANA DE SAUDE (◇PAS/◇MS[. Promoção e Educação da Saúde Escolar. Uma Perspectiva Integral: Marco Conceitual e Operativo. Divisão de Promoção e Proteção da Saúde. Washington, DC. 1995.

21 PAIVA, V. Prevenção positiva HIV ? A abordagem psicossocial, emancipação e vulnerabilidade. 2OO6.
Disponível:<http://nepaids.incubadora.fapesp.br/ portal/prevencao-posithiva-a-abordagem-psicossocial-emancipacao-e-vulnera- bilidade1/>. Acesso em: 12

nov. 2O18.

22. rIGUEIflEDO. Túlio Alberto Martins. MACHAD◇ Vera Lúcia Taqueti. DE ABflEU. Margaret Mirian Scherrer. A saúde na escola: um breve resgate histórico. Cien Saude Colet, v.15, n.2, p.400. 2010.

2}. CAflVALHO. M. M de. Caminhos e descaminhos percorridos por estudantes do 3º ano do ensino médio e portadores do vírus HIV, com relação às informações preventivas a respeito da AIDS. Dissertação (Mestrado[- Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo. 2004.

23. MACEDO. Elizabeth. Como a diferença passa do centro à margem nos currículos: o caso dos PCN. Educação ð Sociedade. Campinas. n. 1O6. p. 2}-$}. 2OOQ.

24 . lEOLÃS. L. S. flisco e prazer: os jovens e o imaginário da Aids. Londrina: Eduel. 2OO\. 26$p

25. MAQUES. M.C. A historia de uma epidemia moderna: a emergência política da Aids/Hiv no Brasil. São Carlos: Rima. 2OO}. Maringá: EDUEM. 2OO}.

27. ALLPOflT. Gordon. Willard. A integral natureza do preconceito. São Paulo - Ed.25, 1979.

28 GASPAR. flita. Maria. AIDS no conte "to familiar: rompimento dos vínculos afetivos. Fortaleza. Trabalho de Conclusão de curso (graduação[– Faculdade Cearense, Curso de Serviço Social, 2013.

29. - GOFFMAN, Erving. Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. $. edição. Rio de Janeiro: LTC. Editora.1Q88.

30. - SAITO FJA. DST, Saúde reprodutiva e adolescência. Pediatria Moderna 2001.

31. LOPEZ A.. r.V. et al. Gravidez na adolescência: estudo comparativo. flev. Saúde
públ., S.Paulo, 23:473-7,1989.

32. BIZZO. Nelio. Ciências: fácil ou difícil? 1. ed. São Paulo: Biruta. 2OOQ

33. MAISTflO. V. I. de A.. AflflUDA. S. de M.. lUNI◇fl. A. L. ◇papel do professor em projeto de educação sexual. IIV ENPEC, Florianópolis, 2009. Disponível em: http://posgrad.fae.ufmg.br/posgrad/viienpec/pdfs/955.pdf

34. DELLORSS. lacques. Educação: Um Tesouro a Descobrir. Relatório para a UNES- C◇da Comissão Internacional sobre educação para o século ""I. 6 ed. São Paulo: UNESC◇ MEC. Editora Cortez. Brasília. Dr: MEC/UNESC◇ 2OO1. p. 82-1O$.

35 CHASSOT. A. Alfabetização Científica: uma possibilidade para a inclusão

social. Revista Brasileira de Educação. lan-Abr.. n.O22. p. 8Q-1OO. 2OOO. Disponível em
<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n22/n22aOQ.pdf>. Acesso em: 18 maio 2O18.

36 KRASILCHI*. M. Reforma e realidade: o caso do ensino das ciências. São Paulo
em Perspectiva, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 85-93, jan,/mar. 2000.

37\ ANASTASIO U. L das Graças Camargos. ALVES. Leonir Pessate. (Orgs.[. Processos de ensinagem na universidade. Pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. }. ed. loinville: Univille. 2OO$. p. 6\-1OO

38 GARDNER, H. Estruturas da Mente. A Teoria das Inteligências Múltiplas. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

39 BORGES, T.S; ALENCAR, G.; Metodologias ativas na promoção da formação crítica do estudante: o uso das metodologias ativas como recurso didático na formação crítica do estudante do ensino superior. Cairu em Revista; n. 4, p. 1 19-143, 2014.